

O Céu e o inferno



Allan Kardec

PARTE II – Exemplos CAPÍTULO III – Espíritos em condições medianas

Índice

Assunto	Origem	Pagina
1. Joseph Bré	O Céu e o inferno	03
Honestidade: Perante os homens e Perante Deus	O Consolador	04
2. Sra. Hélène Michel	O Céu e o inferno	06
Sra. Hélène Michel	DM Estudos Espíritas	07
3. O marquês de Saint-Paul	O Céu e o inferno	09
O marquês de Saint-Paul	DM Estudos Espíritas	11
4. Sr. Cardon, médico	O Céu e o inferno	13
Sr. Cardon, médico	DM Estudos Espíritas	16
5. Eric Stanislas	O Céu e o inferno	19
Eric Stanislas	DM Estudos Espíritas	20
6. Sra. Anna Belleville	O Céu e o inferno	21
Sra. Anna Belleville	DM Estudos Espíritas	24

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Parte II – Exemplos

Capítulo III – Espíritos em condições medianas

I – Joseph Bré

(Falecido em 1840 e evocado em Bordeaux, por sua neta, em 1862)

O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens

1. Caro avô, podeis dizer-me como vos encontrais no mundo dos Espíritos, dando-me quaisquer pormenores úteis ao nosso progresso?

— R. Tudo que quiseres, querida filha. Eu expio a minha descrença; porém, grande é a bondade de Deus, que atende às circunstâncias. Sofro, mas não como poderias imaginar: é o desgosto de não ter melhor aproveitado o tempo aí na Terra.

2. Como? Pois não vivestes sempre honestamente?

— R. Sim, no juízo dos homens; mas há um abismo entre a honestidade perante os homens e a honestidade perante Deus. E uma vez que desejas instruir-te, procurarei demonstrar-te a diferença. Aí, entre vós, é reputado honesto aquele que respeita as leis do seu país, respeito arbitrário para muitos. Honesto é aquele que não prejudica o próximo ostensivamente, embora lhe arranque muitas vezes a felicidade e a honra, visto o código penal e a opinião pública não atingirem o culpado hipócrita. Em podendo fazer gravar na pedra do túmulo um epitáfio de virtude, julgam muitos terem pago sua dívida à Humanidade! Erro! Não basta, para ser honesto perante Deus, ter respeitado as leis dos homens; é preciso antes de tudo não haver transgredido as leis divinas. Honesto aos olhos de Deus será aquele que, possuído de abnegação e amor, consagre a existência ao bem, ao progresso dos seus semelhantes; aquele que, animado de um zelo sem limites, for ativo na vida; ativo no cumprimento dos deveres materiais, ensinando e exemplificando aos outros o amor ao trabalho; ativo nas boas ações, sem esquecer a condição de servo ao qual o Senhor pedirá contas, um dia, do emprego do seu tempo; ativo finalmente na prática do amor de Deus e do próximo.

Assim o homem honesto, perante Deus, deve evitar cuidadoso as palavras mordazes, veneno oculto sob flores, que destrói reputações e acabrunha o homem, muitas vezes cobrindo-o de ridículo. O homem honesto, segundo Deus, deve ter sempre cerrado o coração a quaisquer germens de orgulho, de inveja, de ambição; deve ser paciente e benévolo para com os que o agredirem; deve perdoar do fundo dalma, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda; deve, enfim, praticar o preceito conciso e grandioso que se resume “no amor de Deus sobre todas as coisas e do próximo como a si mesmo”.

Eis aí, querida filha, aproximadamente o que deve ser o homem honesto perante Deus. Pois bem: tê-lo-ia eu sido? Não. Confesso sem corar que faltei a muitos desses deveres; que não tive a atividade necessária; que o esquecimento de Deus impeliu-me a outras faltas, as quais, por não serem passíveis às leis humanas, nem por isso deixam de ser atentatórias à lei de Deus. Compreendendo-o, muito sofri, e assim é que hoje espero mais consolado a misericórdia desse Deus de bondade, que perscruta o meu arrependimento. Transmite, cara filha, repete tudo o que aí fica a quantos tiverem a consciência onerada, para que reparem suas faltas à força de boas obras, a fim de que a misericórdia de Deus se estenda por sobre eles. Seus olhos paternais lhes calcularão as provações. Sua mão potente lhes apagará as faltas.

Honestidade: perante os homens e perante Deus

A revista Seleções READER'S DIGEST, do mês de novembro de 2013, páginas 56 a 63, traz uma reportagem sobre a honestidade. Com essa finalidade, a revista utilizou um teste para verificar se essa honestidade existe ou não entre os seres humanos. Na edição anterior dessa mesma revista, esse mesmo teste foi aplicado em 16 países. Agora chegou a vez do Brasil. Doze carteiras contendo 100 reais, notas fiscais de supermercados, restaurantes, livrarias, bilhete de metrô, cartões de lojas eram deixadas propositalmente em variadas cidades e em lugares diversos: ruas, praças, praias, shopping centers, farmácias, feiras de livros, museus e outros pontos públicos. Dentro dessa mesma carteira havia um cartão do suposto proprietário com o número de um telefone fixo e um celular.

Em São Paulo (SP), nove carteiras foram devolvidas e três não. Em Belém (PA), oito foram devolvidas e quatro não. Em Salvador (BA), sete foram devolvidas e cinco não. Em Bento Gonçalves, seis foram devolvidas e seis não. Em Dourados (MS), cinco carteiras foram devolvidas e sete não. No Rio de Janeiro (RJ), quatro foram devolvidas e oito não. A conclusão da pesquisa, segundo a revista, é a de que jovens, idosos, ricos, pobres, homens, mulheres, moradores de cidades grandes, médias ou pequenas – não existem verdades absolutas nem um perfil que aponte para a honestidade e a ética, mas é inspirador ver que, como um todo, somos um povo honesto.

Essa é a conclusão da honestidade perante os homens. Seria a mesma perante Deus? O que você pensa? Quando somos honestos na visão dos homens estamos sendo plenamente honestos diante das Leis maiores da vida? Vamos até o livro O Céu e o Inferno, capítulo III, segunda parte, depoimento do Espírito Joseph Bré, desencarnado em 1840 e evocado por sua neta em 1862. A neta indaga sobre as condições em que o avô se encontra no mundo espiritual. A resposta, no entanto, espanta a moça ao ouvir que ele sofre por não ter aproveitado melhor o tempo na Terra. Diante dessa resposta, a neta volta a perguntar: não vivestes sempre honestamente?

Vejam a resposta preocupante para a grande maioria dos encarnados: “Sim, no juízo dos homens; mas há um abismo entre a honestidade perante os homens e a honestidade perante Deus”. E continua o Espírito: “Aí, entre vós, é reputado honesto aquele que respeita as leis do seu país, respeito arbitrário para muitos. Honesto é aquele que não prejudica o próximo ostensivamente, embora lhe arranque muitas vezes a felicidade e a honra, visto o código penal e a opinião pública não atingirem o culpado hipócrita. Não basta, para ser honesto perante Deus, ter respeitado as leis dos homens; é preciso antes de tudo não haver transgredido as leis divinas. Honesto aos olhos de Deus será aquele que, possuído de abnegação e amor, consagre a existência ao bem, ao progresso dos seus semelhantes; aquele que, animado de um zelo sem limites, for ativo na vida; ativo no cumprimento dos deveres materiais, ensinando e exemplificando aos outros o amor ao trabalho; ativo nas boas ações, sem esquecer a condição de servo ao qual o Senhor pedirá contas, um dia, do emprego do seu tempo; ativo finalmente na prática do amor de Deus e do próximo. Assim, o homem honesto, perante Deus, deve evitar cuidadoso as palavras mordazes, veneno oculto sob flores, que destrói reputações e acabrunha o homem, muitas vezes cobrindo-o de ridículo. O homem honesto, segundo Deus, deve ter sempre cerrado o coração a qualquer gérmen de orgulho, de inveja, de ambição; deve ser paciente e benévolo para com os que o agredirem; deve perdoar do fundo do alma, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda; deve, enfim, praticar o preceito conciso e grandioso que se resume no amor de Deus sobre todas as coisas e do próximo como a si mesmo”.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Meu amigo, minha amiga, que “paulada” na nossa pequenina consciência! Uma ocasião, há muitos anos, atrás, passando em viagem por dentro de uma cidade, vislumbrei uma carteira que de tanto dinheiro, nem fechava. Ela estava no meio de uma rua com pouco movimento daquela localidade. Recolhi a mesma e a entreguei a um parente que residia naquela cidade para que a encaminhasse ao dono que deveria estar em desespero. Creio que na carteira estava o seu salário. Saí dali que mal conseguia caber dentro do meu carro.

Depois desses ensinamentos de Joseph Brê no livro O Céu e o Inferno, creio que até mesmo o porta-luvas do meu veículo seria o suficiente para me transportar. Ou no buraco da roda aonde vão os parafusos que a prendem no carro também eu caberia. Evidentemente que estamos a caminho da perfeição e muito distante dela. Encontrar a carteira e devolvê-la é uma atitude positiva no bem. Não há como negar. O que não podemos é achar que já atingimos um aceitável estado evolutivo e nos acomodarmos nessa situação. Um dia todos iremos ao encontro dessa honestidade descrita pelo Espírito de Joseph Brê pelo fenômeno da morte física. Nessa hora será muito bom que cada carteira esteja com o seu verdadeiro dono e não em nossas mãos, não é mesmo?

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

II – Sra. Hélène Michel

Jovem de 25 anos, falecida subitamente no lar, sem sofrimentos, sem causa previamente conhecida. Rica e um tanto frívola, a leviandade de caráter predispunha-a mais para as futilidades da vida do que para as coisas sérias. Não obstante, possuía um coração bondoso e era dócil, afetuosa e caritativa.

Evocada três dias após a morte por pessoas conhecidas, exprimia-se assim:

“Não sei onde estou... que turbação me cerca! Chamaste-me, e eu vim. Não compreendo por que não estou em minha casa; lamentam a minha ausência quando presente estou, sem poder fazer-me reconhecida. Meu corpo não mais me pertence, e, no entanto eu lhe sinto a algidez. Quero deixá-lo e mais a ele me prendo, sempre. Sou como que duas personalidades. Oh! quando chegarei a compreender o que comigo se passa? É necessário que vá lá ainda - meu outro ‘eu’, que lhe sucederá na minha ausência? Adeus.”

O sentimento da dualidade que não está ainda destruído por uma completa separação, é aqui evidente. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição e a fortuna a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer as tendências de leviandade. Não admira, pois, tenha sido lento o seu desprendimento, a ponto de, três dias após a morte, sentir-se ainda ligada ao invólucro corporal. Mas, como não possuísse vícios sérios e fosse de boa índole, essa situação nada tinha de penosa e não deveria prolongar-se por muito tempo. Evocada novamente depois de alguns dias, as suas idéias estavam já muito modificadas. Eis o que disse:

“Obrigada por haverdes orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me subtraiu aos sofrimentos e apreensões consequentes ao desligamento do meu Espírito. À minha pobre mãe será difícilimo resignar-se; entretanto será confortada, e o que a seus olhos constitui sensível desgraça, era fatal e indispensável para que as coisas do Céu se lhe tornassem no que devem ser: tudo. Estarei ao seu lado até o fim da sua provação terrestre, ajudando-a a suportá-la.”

“Não sou infeliz, porém, muito tenho ainda a fazer para aproximar-me da situação dos bem-aventurados. Pedirei a Deus me conceda voltar a essa Terra para reparação do tempo que aí perdi nesta última existência.

“A fé vos ampare, meus amigos; confiai na eficácia da prece, mormente quando partida do coração. Deus é bom.”

— P. Levastes muito tempo a reconhecer-vos?

— R. Compreendi a morte no mesmo dia que por mim orastes.

— P. Era doloroso o estado de perturbação?

— R. Não, eu não sofria, acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer. Resignando-me à vontade de Deus, a minha resignação foi por Ele levada em conta. Grata vos sou pelas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma. Obrigada; voltarei sempre com prazer. Adeus.

Hélène.”

Sra. Hélène Michel

Sem causa conhecida, sem sofrimentos, subitamente veio a falecer no lar, moça de 25 anos. Ótima situação financeira, um tanto frívola, leviana e que se predispunha mais para futilidades do que para coisas sérias.

Entretanto era dona de um bondoso coração, afetuosa e bondosa.

Após três dias do seu falecimento, foi evocada por pessoas conhecidas – exprimido-se da seguinte maneira:

Não sei onde estou.

Não compreendo a minha perturbação! Me chamaram e aqui estou!

Não estou entendendo por que não estou na minha casa – lá estão chorando a minha ausência – e parece que não estão me vendo.

Parece que estou separada em duas personalidades.

Quando vou entender o que está acontecendo comigo?

Adeus!

É evidente aqui que o sentimento de dualidade não está destruído por completa separação. Caráter volúvel, permitindo-lhe a posição e a fortuna a satisfação de todos os caprichos, deveria igualmente favorecer as tendências de bobice, futilidade.

Não é de se admirar que passados, três dias, ainda se sentir ligada ao envoltório corporal.

Sendo uma pessoa que era portadora de vícios sérios, de boa índole – essa situação não deveria se prolongar muito tempo.

Após alguns dias foi novamente evocada – percebendo-se que suas ideias já estavam mais coerentes.

Eis o que disse:

Agradeço as suas orações – agradeço a Deus que me abreviou os sofrimentos e apreensões em conseqüências do desligamento do meu Espírito.

Sei que para a minha mãe, será difícil resignar-se – sei que será confortada – o que a seus olhos parece uma desgraça, era indispensável para que as coisas do Céu seguissem o que estava previsto.

Estarei junto dela até o término da sua provação, e a ajudarei para suportá-la.

Não sou feliz – muito tenho a fazer para aproximar-me de situações bem-aventuradas.

Solicitarei a Deus a graça de retornar a Terra para reparar e recuperar o tempo que perdi.

A fé vos ampare, meus amigos; confiai na eficácia da prece, mormente quando partida do coração.

Deus é bom.

P.

Levou muito tempo reconhecer-se?

R.

Compreendi a morte no mesmo dia que por mim orastes.

P.

Era doloroso o estado de perturbação?

R.

Não, eu não sofria, acreditava sonhar e aguardava o meu despertar.

Minha vida não foi isenta de dores, porque todo ser encarnado nesse mundo deve sofrer.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Resignando-se à vontade de Deus, a minha resignação foi por Ele levada em conta.

Grata vos sou pelas preces que me auxiliaram no reconhecimento de mim mesma.

Obrigada; voltarei sempre com prazer.

Adeus.

Helena.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

III – O marquês de Saint-Paul

(Falecido em 1860 e evocado, a pedido de uma sua irmã, consóror da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861)

1. Evocação: — R. Eis-me aqui.

2. Vossa irmã pediu-nos para evocar-vos, pois, conquanto seja médium, não está ainda bastante desenvolvida.

— R. Responderei da melhor forma possível.

3. Em primeiro lugar ela deseja saber se sois feliz.

R. — Estou na erraticidade, estado transitório que não proporciona nem felicidade nem castigo absolutos.

4. Permanecestes por muito tempo inconsciente do vosso estado?

— R. Estive muito tempo perturbado e só voltei a mim para bendizer da piedade dos que, lembrando-se de mim, por mim oraram.

5. E podeis precisar o tempo dessa perturbação?

— R. Não.

6. Quais os parentes que reconhecestes primeiro?

— R. Minha mãe e meu pai, os quais me receberam ao despertar, iniciando-me em a nova vida.

7. A que atribuir o fato de parecer que nos últimos extremos da moléstia confabuláveis com as pessoas caras da Terra?

— R. Ao conhecimento antecipado pela revelação do mundo que viria habitar. Vidente antes da morte, meus olhos só se turbaram no momento da separação do corpo, porque os laços carnis eram ainda muito vigorosos.

8. Como explicar as recordações da infância que de preferência vos ocorriam?

— R. Ao fato de o princípio se identificar mais com o fim, que com o meio da vida.

— P. Como explicar isso?

— R. Importa dizer que os moribundos lembram e vêem, como reflexo consolador, a pureza infantil dos primeiros anos. É provavelmente por motivo providencial semelhante que os velhos, à proporção que se aproximam do termo da vida, têm, por vezes, nítida lembrança dos mais ínfimos episódios da infância.

9. Por que, referindo-vos ao corpo, faláveis sempre na terceira pessoa?

— R. Porque era vidente como vo-lo disse, e sentia claramente as diferenças entre o físico e o moral; essas diferenças, muito amalgamadas entre si pelo fluido vital, tornam-se distintíssimas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular da morte deste senhor. Nos seus últimos momentos, ele dizia sempre: Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; sofre em tal ou tal região, etc. E quando se lhe dizia: Mas sois vós que tendes sede? — respondia: “Não, é ele.” Aqui ressaltam perfeitamente as duas existências; o eu pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, em parte desprendido, considerava o corpo outra individualidade, que a bem dizer lhe não pertencia; era portanto ao seu corpo que se fazia mister dessedentar, e não a ele Espírito. Este fenômeno nota-se também em alguns sonâmbulos.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

10. O que dissestes sobre a erraticidade do vosso Espírito e sua respectiva perturbação, levaria a duvidar da vossa felicidade, ao contrário do que se poderia inferir das vossas qualidades. Demais, há Espíritos errantes felizes e infelizes.

— R. Estou num estado transitório; aqui as virtudes humanas passam a ter seu justo valor. Certo, este estado é mil vezes preferível ao da minha encarnação terrestre; mas porque alimentei sempre aspirações ao verdadeiramente bom e belo, minha alma não ficará satisfeita senão quando se alçar aos pés do Criador.

Marquês de Saint-Paul

(Falecido em 1860 e evocado, a pedido de sua irmã, confeitira da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861)

Evocação:

— R. Eis-me aqui.

A sua irmã pediu-nos para evocá-lo, pois que, apesar de ser médium, não está ainda bastante desenvolvida.

R. Responder-lhe-ei da melhor forma possível.

Em primeiro lugar ela deseja saber se o Sr. é feliz.

R. Estou na erraticidade, estado transitório que não proporciona nem felicidade, nem castigo absolutos.

Permaneceu por muito tempo inconsciente do seu estado?

R. Estive muito tempo perturbado e só voltei a mim para bendizer a piedade daqueles que, lembrando-se de mim, por mim oraram.

E pode precisar o tempo dessa perturbação?

R. Não.

Quais os parentes que reconheceu primeiro?

R. Minha mãe e meu pai, os quais me receberam ao despertar, iniciando-me à nova vida.

A que atribuir o fato de parecer que nos últimos extremos da moléstia confabulam com as pessoas caras da Terra?

R. Ao conhecimento antecipado pela revelação do mundo que viria habitar. Vidente antes da morte, meus olhos só se turvaram no momento da separação do corpo, porque os laços carnis eram ainda muito vigorosos.

Como explicar as recordações da infância que de preferência lhe ocorriam?

R. Ao fato de o princípio se identificar mais com o fim, que com o meio da vida.

Como explicar isso?

R. Importa dizer que os moribundos lembram e vêem como miragem consoladora, a pureza infantil dos primeiros anos.

É provavelmente por motivo providencial semelhante que os velhos, à proporção que se aproximam do termo da vida, têm, por vezes, insignificantes episódios da infância.

Por que, referindo-se ao corpo, falava o Sr. sempre na terceira pessoa?

R. Porque era evidente como lhe disse, e sentia claramente as diferenças entre o físico, e o moral; essas diferenças, muito religadas entre si pelo fluido vital, tornam-se distintíssimas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular da morte desse senhor.

Nos seus últimos momentos dizia sempre: ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; tem frio, é preciso aquecê-lo; sofre nessa ou naquela região etc.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Quando lhe diziam: Mas é o Sr. que tem sede? — respondia: Não, é ele.

Aqui ressaltam perfeitamente as duas existências; o eu Pensante estava no Espírito, não no corpo; o Espírito, em parte desprendido, considerava o corpo outra individualidade, que a bem, dizer não lhe pertencia; era portanto ao seu corpo que se fazia mister dessedentar, e não a ele, Espírito.

O fenômeno nota-se também em alguns sonâmbulos.

O que o Sr. disse da erraticidade do seu espírito e sua respectiva perturbação levar-nos-ia a duvidar da sua felicidade, ao contrário do que se poderia inferir das suas qualidades.

Demais, há Espíritos errantes felizes e infelizes.

R. Estou num estado transitório; aqui as virtudes humanas passam a ter o seu justo valor. Certamente este estado é mil vezes preferível ao da minha encarnação terrestre; mas porque alimentei sempre aspirações ao verdadeiramente bom e belo, minha alma não ficará satisfeita senão quando se colocar aos pés do Criador.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

IV – Sr. Cardon, médico

Passara uma parte da sua vida na marinha mercante, como médico de navio baleeiro, adquirindo em tal ambiente idéias um tanto materialistas; recolhido a cidade de J., exerceu aí a modesta profissão de médico da roça. Havia algum tempo, adquirira a certeza de estar afetado de uma hipertrofia do coração, e, sabendo a moléstia incurável, deixava-se abater pela perspectiva da morte, num estado de melancolia inconsolável. Predisse o dia certo do falecimento, com antecipação de cerca de dois meses, e, chegado o momento, ele reuniu a família para dizer-lhe o último adeus. Estando abeirados do seu leito a esposa, a mãe, os três filhos e outros parentes, quando a primeira tentava erguê-lo, ele prostrou-se, tornando-se de um roxo lívido e fechando os olhos, pelo que foi julgado morto. A esposa colocou-se então de permeio, para ocultar aos filhos esse espetáculo.

Minutos depois, o doente reabriu os olhos; sua fisionomia, por assim dizer iluminada, tomou radiante expressão de beatitude, e ele exclamou:

— “Oh! Meus filhos, belo! Sublime! Oh! A morte! Que benefício! Que coisa suave! Morto, senti minha alma elevar-se bem alta, porém, Deus me permitiu voltasse para dizer-vos: Não lamenteis a minha morte, que é a libertação. Ah! que eu não posso descrever- -vos a magnificência de tudo quanto vi, as impressões que experimentei! Mas não poderíeis compreendê-las.” Oh! Meus filhos, comportai-vos sempre de modo a merecer esta, inefável felicidade reservada aos homens de bem; vivei conformemente aos preceitos da caridade; do que tiverdes dai uma parte aos necessitados. “Minha querida mulher, deixo-te numa posição pouco lisonjeira; temos dívidas a receber, mas eu te conjuro a não atormentares os nossos devedores; se estiverem em apuros, espera que possam pagar; e aos que não o puderem fazer, perdoa-lhes. Deus te recompensará. Tu, meu filho.

trabalha para manteres tua mãe; sê honesto sempre e guarda-te de fazer algo que possa manchar a nossa família. Toma esta cruz, herança de minha mãe; não a deixes nunca, e oxalá te recorde ela sempre os meus derradeiros conselhos: Meus filhos, ajudai-vos, apoiai-vos mutuamente para que a boa harmonia reine entre vós; não sejais vaidosos nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos se quiserdes que Deus vos perdoe.”

Depois, fazendo-os chegar a si, tomou-lhes as mãos, acrescentando: — “Filhos, eu vos abençoo.” — E seus olhos cerraram-se, desta vez para sempre; seu rosto, porém, conservou uma expressão tão imponente que, até ao momento de ser amortalhado, numerosa turba veio contemplá-lo, tomada de admiração.

Tendo-nos um amigo da família fornecido estes pormenores assaz interessantes, lembramo-nos que a evocação podia tornar-se instrutiva a todos nós, e útil ao próprio Espírito.

1. Evocação:

— R. Estou perto de vós.

2. Relataram-nos as circunstâncias em que se deu a vossa passagem, e ficamos cheios de admiração. Quereis ter a bondade de nos descrever ainda mais minuciosamente o que vistes no intervalo do que poderíamos denominar as vossas duas mortes?

— R. O que vi – E poderíeis compreendê-lo? Não sei, visto como não encontraria expressões apropriadas à compreensão do que pude ver durante os instantes em que me foi possível deixar o envoltório mortal.

3. E sabeis em que lugar estivestes? Seria longe da Terra, em outro planeta, ou no Espaço?

— R. O Espírito não mede distâncias, nem lhes conhece o valor como a vós acontece. Arrebatado por não sei que agente maravilhoso, eu vi os esplendores de um céu, desses que só em sonho podemos imaginar. Esse percurso, através do infinito, fazia-se com celeridade tal que eu não pude precisar os instantes nele empregados pelo meu Espírito.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

4. E fruís atualmente a felicidade que entrevistastes?

— R. Não; bem desejaria poder fruí-la, mas Deus não deveria recompensar-me de tal maneira. Revoltei-me muitas vezes contra os pensamentos abençoados que o coração me ditava e a morte parecia-me uma injustiça.

Médico incrédulo, eu havia assimilado na arte de curar uma aversão profunda à segunda natureza, que é o nosso impulso inteligente, divino; para mim a imortalidade da alma não passava de ficção própria para seduzir as naturezas pouco instruídas, embora o nada me espantasse, maldizendo o misterioso agente que atua perenemente. A Filosofia desviara-me, sem que eu desse por isto, da compreensão da grandeza do Eterno, que sabe distribuir a dor e a alegria para ensino da Humanidade.

5. Logo após o definitivo desprendimento reconheceste o vosso estado?

— R. Não; eu só me reconheci durante a transição que o meu Espírito experimentou para percorrer a etérea região. Isto, porém, não ocorreu imediatamente, sendo-me precisos alguns dias para o meu despertar.

Deus concedera-me uma graça, em razão do que vos vou explicar: A minha primitiva descrença não mais existia; tornara-me crente antes da morte, depois de haver cientificamente sondado com gravidade a matéria que me atormentava, de não haver encontrado ao fim das razões terrestres senão a razão divina, que me inspirou e consolou, dando-me coragem mais forte que a dor. Assim, bendizia o que amaldiçoara, encarava a morte como uma libertação. A idéia de Deus é grande como o mundo! Oh! Que supremo consolo na prece, que nos entenece e comove: ela é o elemento mais positivo da nossa natureza imaterial; foi por ela que compreendi, que cri firme, soberanamente, e, por isso, Deus, levando em conta os meus atos, houve por bem recompensar-me antes do termo da minha encarnação.

6. Poder-se-ia dizer que estivestes morto nessa primeira crise?

— R. Sim e não: tendo o Espírito abandonado o corpo, naturalmente a carne extinguiu-se; entretanto, retomando posse da morada terrena, a vida voltou ao corpo, que passou por uma transição, por um sono.

7. E sentíeis então os laços que vos prendiam ao corpo?

— R. Sem dúvida; o Espírito tem um grilhão fortíssimo a prendê-lo, e não entra na vida natural antes que dê o último estremecimento da carne.

8. Como, pois, na vossa morte aparente e durante alguns minutos, pôde o vosso Espírito desprender-se súbita e imperturbavelmente, ao passo que o desprendimento efetivo se fez acompanhar da perturbação por alguns dias? Parece-nos que no primeiro caso, os laços entre corpo e Espírito subsistindo mais que no segundo, o desprendimento deverá ser mais lento, ao contrário justamente do que se deu.

— R. Tendes muitas vezes evocado um Espírito encarnado, recebendo respostas exatas; eu estava nas condições desses tais, porque Deus me chamava e os seus servidores me diziam: — “Vem.” Obedeci, agradecendo-lhe o favor especial que houve por bem conceder-me para que pudesse entrever, compreendendo-a, a sua infinita grandeza. Obrigado a vós, que antes da morte real me permitistes doutrinar os meus, para que façam boas e justas encarnações.

9. Onde provinham as belas palavras que após o despertar dirigistes a vossa família?

— R. Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam-me a linguagem e davam fulgor à minha fisionomia.

10. Que impressão julgais ter a vossa revelação produzido nos assistentes, notadamente nos vossos filhos?

— R. Surpreendente, profunda; a morte não é mentirosa; os filhos, por mais ingratos que possam ser, curvam-se sempre à encarnação que termina. Se pudessemos penetrar o coração dos filhos,

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

junto de um túmulo entreaberto, vê-lo- íamos apenas palpitar de sentimentos verdadeiros, sinceros, tocados pela mão secreta dos Espíritos, que dizem em todos os pensamentos: Tremei se duvidais; a morte é a reparação, a justiça de Deus, e eu vos asseguro, em que pese aos incrédulos, que a minha família e os amigos creram nas palavras por mim pronunciadas antes da morte. Eu era, ao demais, intérprete de um outro mundo.

11. Dizendo não gozardes da felicidade entrevista, pode inferir-se que sejais infeliz?

— R. Não, uma vez que me tornei crente antes da morte, e isto de coração e consciência. A dor acabrunha nesse mundo, mas fortalece sob o ponto de vista do futuro espiritual. Notai que Deus teve em conta as minhas preces e a crença n'Ele depositada em absoluto; estou firme no caminho da perfeição, e chegarei ao fim que me foi permitido lobrigar. Orai, meus amigos, por este mundo invisível que preside aos vossos destinos; esta permuta fraternal é de caridade; é a alavanca que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Acaso quereríeis dirigir algumas palavras a vossa mulher e filhos?

— R. Peço a todos os meus que acreditem no Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade que é a mais pura prática da encarnação humana; peço-lhes que se lembrem que do pouco também se pode dar, pois o óbolo do pobre é o mais meritório aos olhos de Deus, desse Deus que sabe que muito dá um pobre, mesmo que dê pouco. “O rico precisa dar muito, e repetidamente, para merecer outro tanto. O futuro é a caridade, a benevolência em todos os atos; é considerar que todos os Espíritos são irmãos, sem se preocupar jamais com as mil pueris vaidades da Terra.”

“Tereis rudes provações, querida, amada família; aceitai-as, porém, corajosamente, lembrando-vos de que Deus as vê. Repeti amiúde esta prece:

— Deus de amor e bondade, que tudo faculta e sempre, dá-nos força superior a todas as vicissitudes, torna-nos bons, humildes e caridosos, pequenos pela fortuna e grandes de coração. Permite seja espírita o nosso Espírito na Terra, a fim de melhor te compreendermos e te amarmos. “Seja teu nome emblema de liberdade, oh! Meu Deus! — O consolador de todos os oprimidos, de todos os que necessitam amar, perdoar e crer.

Cardon.”

Sr. Cardon, médico

Após passar uma parte da sua vida como médico a bordo de um navio baleeiro, e em consequência adquirindo naquele ambiente muitas ideias materialistas.

Recolheu-se na cidade de J. onde exerceu a modesta profissão de médico de roça.

A um certo tempo, estava com a certeza de ser portador de uma hipertrofia do coração – moléstia que já era do seu conhecimento – como sendo incurável – deixava-se dominar pela perspectiva da morte, levando-o a uma melancolia inconsolável.

Previu o dia do seu falecimento, com uma antecipação aproximada de dois meses.

Chegando o momento – reuniu a família com o objetivo de despedir-se – através de um último adeus.

Após minutos, onde se imaginava que estivesse morto – reabriu os olhos – e coim uma fisionomia iluminada – exclamou:

Meus filhos, que benefícios, que suave – morto senti a minha alma elevar-se bem alta – porém Deus permitiu que voltasse para dizer-lhes que não lamentem a minha morte – pois é uma libertação.

Meus filhos, comportem-se sempre de modo a merecer esta, indescritível felicidade, reservada aos homens de bem, que vivem de acordo com os preceitos da caridade.

Daquilo que possuem, sempre deem uma parte aos necessitados.

Minha querida esposa, deixo-a em uma posição pouco lisonjeira – temos dívidas a receber – mas te conjuro a não atormentar nossos devedores – se em apuros, aguarde que possam pagar – aos que não puderem, perdoa-lhes, Deus a recompensará.

Você, meu filho, trabalhe para manter a sua mãe, seja honesto, evitando algo que possa manchar a nossa família.

Tome esta cruz, herança de minha mãe, nunca a deixe, ela lhe fará recordar os meus conselhos derradeiros

Meus filhos, ajudem-se e apoiem-se reciprocamente – fazendo a boa harmonia reine entre vocês.

Nunca sejam vaidosos nem orgulhosos, perdoadando seus inimigos querendo que Deus os perdoe.

Tomando-lhes as mãos acrescentou:

Eu os abençoo.

Seus olhos se fecharam para sempre.

Tendo-nos um amigo da família fornecido estes pormenores assaz interessantes, lembramo-nos que a evocação podia tornar-se instrutiva a todos nós e útil ao próprio Espírito.

Evocação:

— R. Estou perto de vós.

Relataram-nos as circunstâncias em que se deu a vossa passagem e ficamos cheios de admiração.

Quereis ter a bondade de nos descrever ainda mais minuciosamente o que vistes no intervalo do que poderíamos denominar as vossas duas mortes?

R. O que vi.

E podereis compreendê-lo? Não sei, visto como não encontraria expressões apropriadas à compreensão do que pude ver durante os instantes em que me foi possível deixar o envoltório mortal.

E sabeis em que lugar estivestes? Seria longe da Terra, em outro planeta, ou no Espaço?

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

R. O Espírito não mede distâncias, nem lhes conhece o valor como a vós acontece. Arrebatado por não sei que agente maravilhoso, eu vi os esplendores de um céu, desses que só em sonho podemos imaginar

Esse percurso, através do infinito, fazia-se com celeridade tamanha que eu não pude precisar os instantes nele empregados pelo meu Espírito.

E fruís atualmente a felicidade que entrevistastes?

R. Não; bem desejaria poder fruí-la, mas Deus não deveria recompensar-me assim. Revoltei-me muitas vezes contra os pensamentos abençoados que o coração me ditava e a morte parecia-me uma injustiça.

Médico incrédulo, eu havia assimilado na arte de curar uma aversão profunda à segunda natureza, que é o nosso impulso inteligente, divino; para mim a imortalidade da alma não passava de ficção própria para seduzir as naturezas pouco instruídas, embora o nada me espantasse, maldizendo o misterioso agente que atua perenemente.

A Filosofia desviara-me, sem que eu desse por isto, da compreensão da grandeza do Eterno, que sabe distribuir a dor e a alegria para ensino da Humanidade.

Logo após o definitivo desprendimento reconheceste o vosso estado?

R. Não; eu só me reconheci durante a transição que o meu Espírito experimentou para percorrer a etérea região.

Isto, porém, não ocorreu imediatamente, sendo-me necessários alguns dias para o meu despertar. Deus concedera-me uma graça, em razão do que vou explicar-vos: a minha primitiva descrença não mais existia; tornara-me crente antes da morte, depois de haver cientificamente sondado com gravidade a matéria que me atormentava, de não haver encontrado ao fim das razões terrestres senão a razão divina, que me inspirou e consolou, dando-me coragem mais forte que a dor. Assim bendizia aquilo que amaldiçoara, encarava a morte como uma libertação. A idéia de Deus é grande como o mundo! Oh! Que supremo consolo na prece, que nos entenece e comove: ela é o elemento mais positivo da nossa natureza imaterial; foi por ela que compreendi, que soberanamente acreditei firmemente, e por isso, Deus, levando em conta os meus atos, houve por bem recompensar-me antes do termo da minha encarnação.

Poder-se-ia dizer que estivesses morto nessa primeira crise?

R. Sim e não: tendo o Espírito abandonado o corpo, naturalmente a carne extinguiu-se; entretanto retomando posse da morada terrena, a vida voltou ao corpo, que passou por uma transição, por um sono.

E sentíeis então os laços que vos prendiam ao corpo?

R. Sem dúvida; o Espírito tem um grilhão fortíssimo que o prende e não entra na vida natural antes que dê o último estremecimento da carne.

Como pois, na vossa morte aparente e durante alguns minutos, pode o vosso Espírito desprender-se súbita e imperturbavelmente, ao passo que o desprendimento efetivo se fez acompanhar da perturbação por alguns dias? Parece-nos que no primeiro caso, os laços entre corpo e Espírito subsistindo mais que no segundo, o desprendimento deveria ser mais lento, ao contrário justamente do que se deu.

R.

Tendes muitas vezes evocado um Espírito encarnado, recebendo respostas exatas; eu estava nas condições desses Espíritos, porque Deus me chamava e os seus servidores me diziam: — Vem.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Obedeci, agradecendo-lhe o favor especial que houve por bem conceder-me para que pudesse entrever, compreendendo a Sua infinita grandeza.

Obrigado a vós, que antes da morte real me permitistes doutrinar os meus, para que façam boas e justas encarnações.

Donde provinham as belas palavras que após o despertar dirigistes a vossa família?

R. Eram o reflexo do que tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam-me a linguagem e davam fulgor à minha fisionomia.

Que impressão julgais ter a vossa revelação produzido nos assistentes, notadamente nos vossos filhos?

R. Surpreendente, profunda; uma morte não é mentirosa; os filhos, por mais ingratos que possam ser, se curvam sempre a encarnação que termina.

Se pudéssemos penetrar o coração dos filhos, junto de um túmulo entreaberto, poderíamos vê-los apenas palpitando de sentimentos verdadeiros, sinceros, tocados pela mão secreta dos Espíritos – que dizem em todos os pensamentos: tremei se dividais; a morte é a reparação, a justiça de Deus – eu vos asseguro, em que pese aos incrédulos, que a minha família e os amigos creram nas palavras que pronunciei antes da morte.

Para os demais, eu era intérprete de um outro mundo.

Dizendo não gozardes da felicidade entrevista, podemos daí concluir que sejais infeliz?

R. Não, uma vez que me tornei crente antes da morte, e isto de coração e consciência. A dor acabrunha nesse mundo, mas fortalece sob o ponto de vista do futuro espiritual. Notei que Deus teve em conta as minhas preces e a crença n'Ele depositada em absoluto; estou firme no caminho da perfeição e chegarei ao fim que me foi permitido entrever. Orai, meus amigos, por este mundo invisível que preside aos vossos destinos; esta permuta fraternal é, de caridade; é a alavanca que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

Acaso quereríeis dirigir algumas palavras, a vossa mulher e filhos?

R. Peço a todos os meus que acreditem no Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade que é a mais pura prática da encarnação humana; peço-lhes que se lembrem que do pouco também se pode dar, pois o óbolo do pobre é o mais meritório aos olhos de Deus, desse Deus que sabe que muito dá um pobre, mesmo que dê pouco.

O rico, precisa dar muito, e repetidamente, para merecer outro tanto.

O futuro é a caridade, a benevolência em todos os atos; é considerar que todos os Espíritos são irmãos, nunca preocupar-se com as mil pueris vaidades da Terra.

Tereis rudes provações, querida, amada família; aceitai-as, porém, corajosamente, lembrando-vos de que Deus as vê.

Repeti amiúde esta prece: — Deus de amor e bondade, que tudo e sempre faculta, dá-nos força superior a todas as vicissitudes, torna-nos bons, humildes e caridosos, pequenos pela fortuna e grandes de coração.

Permite seja espírita o nosso Espírito na Terra, a fim de melhor Te compreendermos e Te amarmos.

Seja Teu Nome emblema da Liberdade, oh! Meu Deus! — O Consolador de todos os oprimidos, de todos os que necessitam amar, perdoar e crer.

Cardon.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

V – Eric Stanislas

(Comunicação espontânea. Sociedade de Paris; agosto de 1863.)

“Que ventura nos proporcionam as emoções vivamente sentidas por valorosos corações! Ó suaves pensamentos que vindes abrir o caminho da salvação a tudo que vive, que respira material e espiritualmente. Não deixe jamais o bálsamo consolador de derramar-se profusamente sobre vós e sobre nós! De que expressões nos servirmos, que traduzam a felicidade dos irmãos, desencarnados, ao perscrutarem o amor que une a todos?” “Ah! irmãos, quanto bem por toda parte, que de sentimentos suaves, elevados e simples como vós, como a vossa Doutrina, sois chamados a implantar ao longo da estrada a percorrer; mas, também, quanto vos será outorgado antes mesmo de terdes adquirido direitos!” “Assisti a tudo quanto se passou esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar a meu nuto cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos. Ouvi: eu estava longe de ser feliz; abismado na imensidade, no infinito, os meus padecimentos eram tanto mais intensos, quanto difícil me era o compreendê-los.

“Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário, que não pode ser franqueado impunemente pelos maus.” “Amigos, quanto vos agradeço, quanto de forças entre vós recobrei! Ó homens de bem, reuni-vos constantemente; estudai, uma vez que não podeis duvidar dos frutos das reuniões sérias; os Espíritos que têm muito ainda a aprender, os que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres, podem encontrar-se, em virtude de circunstâncias fortuitas ou não, aí entre vós; e então, fortemente tocados, quantas vezes lhes é dado, reconhecendo-se, entreverem o fim, o objetivo cobiçado, ao mesmo tempo que procurarem, fortes pelo exemplo que lhes dais, os meios de fugir ao penoso estado que os avassala.” “Com grande satisfação me constituo intérprete das almas sofredoras, porquanto é a homens de coração que me dirijo, na certeza de não ser repelido.” “Ainda uma vez aceitai, pois, homens generosos, a expressão do meu reconhecimento em particular, e em geral de todos a quem tanto bem tendes feito, talvez sem o saberdes.

Eric Stanislas.”

O guia do médium: — Meus filhos, este é um Espírito que sofreu por muito tempo, transviado do bom caminho. Agora compreendeu os seus erros, arrependeu-se e volveu os olhos para o Deus que negara. A sua posição não é a de um feliz, porém ele aspira à felicidade e não mais sofre. Deus permitiu-lhe esta audição para que desça depois a uma esfera inferior, a fim de instruir e estimular o progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram a lei. É a reparação que lhe compete. Afinal, ele conquistará a felicidade, porque tem força de vontade.

Eric Stanislas

(Comunicação espontânea: Sociedade de Paris, agosto de 1863)

Que ventura nos proporcionam as emoções vivamente sentidas por valorosos corações! Oh! Suaves pensamentos que vindes abrir o caminho da salvação a tudo que vive, que respira material e espiritualmente.

Não deixe nunca o bálsamo consolador de derramar-se profusamente sobre vós e sobre nós! De que expressões nos servimos, que traduzam a felicidade dos irmãos, desencarnados, ao perscrutarem o amor que une a todos?

Ah! Irmãos, quanto bem por toda parte, quantos elementos suaves, elevados e simples como vós, como a vossa Doutrina, sois chamados a implantar ao longo da estrada a percorrer; mas, também, quanto vos será outorgado antes mesmo de terdes adquirido direitos!

Assisti a tudo quanto se passou esta noite; ouvi, compreendi e vou procurar por minha vez cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

Ouvi, eu estava longe de ser feliz; abismado na imensidade, no infinito, os meus padecimentos eram tanto mais intensos, quanto difícil me era os compreendê-los.

Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário, que não pode ser franqueado impunemente pelos maus.

Amigos, quanto vos agradeço, quanto de forças entre vós recobrei!

Oh! Homens de bem, reuni-vos constantemente; estudai, uma vez que não podeis duvidar dos frutos das reuniões sérias; os Espíritos que têm muito ainda a aprender, os que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres, podem encontrar-se, em virtude de circunstâncias fortuitas ou não, aí entre vós; e então, fortemente tocados, quantas vezes lhes é dado, reconhecendo-se, entreverem o fim, o objetivo cobiçado, ao mesmo tempo que procurarem, fortes pelo exemplo que lhes dais, os meios de fugir ao penoso estado que os avassala.

Com grande satisfação me constituo intérprete das almas sofredoras, porquanto é ao homem de coração que me dirijo, na certeza de não ser repellido.

Ainda uma vez aceitai, pois, homens generosos, a expressão do meu reconhecimento em particular, e em geral de todos a quem tanto bem tendes feito, talvez sem o saberdes.

Eric Stanislas.

O guia do médium: — Meus filhos, este é um Espírito que sofreu muito tempo, tresmalhado do bom caminho.

Agora compreendeu os seus erros, arrependeu-se e voltou os olhos para o Deus que negara. A sua posição não é a de um feliz, porém ele aspira à felicidade e não mais sofre. Deus permitiu-lhe esta audição para que desça depois a uma esfera inferior, a fim de instruir e estimular o progresso de Espíritos que, como ele, transgrediram a lei.

É uma reparação que lhe compete.

Afinal, ele conquistará a felicidade, porque tem força de vontade.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

VI – Sra. Anna Belleville

Jovem mulher falecida aos trinta e cinco anos de idade, após cruel enfermidade. Vivaz, espirituosa, dotada de inteligência rara, de metucioso critério e eminentes qualidades morais; esposa e mãe de família devotada, ela possuía, ao demais, uma integridade de caráter pouco comum e uma fecundidade de recursos que a trazia sempre a coberto das mais críticas eventualidades da existência. Sem guardar ressentimento das pessoas de quem poderia queixar-se, estava sempre pronta a prestar-lhes oportuno serviço. Intimamente ligados à sua pessoa desde longos anos, pudemos acompanhar todas as fases da sua existência, bem como todas as peripécias do seu fim. Proveio de um acidente a moléstia que havia de levá-la, depois de a reter três anos de cama, presa dos mais cruéis sofrimentos, aliás suportados até ao fim com uma coragem heroica, e a despeito dos quais a graça natural do seu Espírito jamais a abandonou. Ela acreditava firmemente na existência da alma e na vida futura, mas pouco se preocupava com isso; todos os seus pensamentos se relacionavam com o presente, que muito lhe importava, posto não tivesse medo da morte e fosse indiferente aos gozos materiais. A sua vida era simples e sem sacrifício abria mão do que não podia obter; mas possuía inato o sentimento do bem e do belo, que apreciava até nas coisas mínimas.

Queria viver menos para si que para os filhos, avaliando a falta que lhes faria, e era isso que a prendia à vida.

Conhecia o Espiritismo sem o ter estudado a fundo; interessava-se por ele, mas nunca pôde fixar as idéias sobre o futuro; este era para ela uma realidade, mas não lhe deixava no Espírito uma impressão profunda.

O que praticava de bom era o resultado de um impulso natural, espontâneo, sem idéia de recompensas ou de penas futuras.

De há muito era desesperador o seu estado e iminente o desenlace, circunstância que ela própria não ignorava. Um dia, achando-se ausente o marido, sentiu-se desfalecer e compreendeu que a hora era chegada; embaciando-se-lhe a vista, a perturbação a invadia, sentindo todas as angústias da separação.

Custava-lhe, contudo, a morte antes da volta do esposo. Fazendo supremo esforço sobre si mesma, murmurou: “Não, não quero morrer!”

Então sentiu renascer-lhe a vida e recobrou o uso pleno das suas faculdades. Quando o marido chegou, disse- -lhe: “Eu ia morrer, mas quis aguardar a tua vinda, por isso que tinha algumas recomendações a fazer-te.” Assim se prolongou a luta entre a vida e a morte por três meses ainda, tempo que mais não foi que dolorosa agonia.

Evocação no dia seguinte ao da morte: — Meus bons amigos, obrigada pelo interesse que vos mereço; demais, fostes para mim como bons parentes. Pois bem, regozijai-vos porque sou feliz. Confortai meu pobre marido e velai por meus filhos. Eu segui logo para junto deles, depois que desencarnei.

— P. Podemos supor que a vossa perturbação não foi longa, uma vez que nos respondeis com lucidez.

— R. Ah! meus amigos, eu sofri tanto – e vós bem sabeis que sofria com resignação. Pois bem! a minha provação está concluída. Não direi que esteja, completamente, libertada, não; mas o certo é que não sofro mais, e isso para mim é um grande alívio! Desta feita estou radicalmente curada, porém, preciso ainda do auxílio das vossas preces para vir mais tarde colaborar convosco.

— P. Qual poderia ser a causa dos vossos longos sofrimentos?

— R. Um passado terrível, meu amigo.

— P. Podeis revelar-nos esse passado?

— R. Oh! deixai que o esqueça um pouco... paguei-o tão caro... Um mês depois da morte:

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

— P. Agora que deveis estar completamente, desprendida e que melhor nos reconheceis, muito estimaríamos ter convosco uma palestra mais explícita. Podereis, por exemplo, dizer-nos qual a causa da vossa prolongada agonia? Estivestes durante três meses entre a vida e a morte...

— R. Obrigada, meus amigos, pela vossa lembrança como pelas vossas preces! Quão salutares me foram estas, e como concorreram para a minha libertação! Tenho ainda necessidade de ser confortada; continuai a orar por mim. Vós compreendeis o valor da prece. As que dizeis não são de modo algum, fórmulas banais, como as murmuradas por tantos outros que lhes não medem o alcance, o fruto de uma boa prece.

“Sofri muito, porém os meus sofrimentos foram largamente compensados, sendo-me permitido estar muitas vezes perto dos queridos filhos, que deixei com tanto pesar!

“Prolonguei por mim mesma esses sofrimentos; o desejo ardente de viver, por amor dos filhos, fazia com que me agarrasse de alguma sorte à matéria, e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o desgraçado corpo com o qual era forçoso romper, se bem que ele fosse para mim o instrumento de tantas torturas.”

“Eis aí a razão da minha longa agonia. Quanto à moléstia e aos padecimentos decorrentes, eram expiação do passado — uma dívida a mais, que paguei. Ah! meus bons amigos, se eu vos tivesse ouvido, quanta mudança na minha vida atual!”

“Que alívio experimentaria nos últimos momentos, e quão fácil teria sido a separação, se em vez de a contrariar eu me tivesse abandonado confiadamente à vontade de Deus, à corrente que me arrastava! Mas, em lugar de volver os olhos, ao futuro que me aguardava, eu apenas via o presente que ia deixar!

“Quando houver de voltar à Terra, serei espírita, vo-lo afirmo. Que ciência sublime! Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos.

Se eu, quando na Terra, pudesse compreendê-los, os meus sofrimentos teriam sido atenuados. A ocasião não tinha chegado.

“Hoje compreendo a bondade e a justiça de Deus, conquanto me não encontre suficientemente adiantada para despreocupar-me das coisas da vida; meus filhos principalmente me atraem, não mais para amamá-los, porém para velar por eles, inculcando-lhes o caminho que o Espiritismo traça neste momento. Sim, meus bons amigos, eu tenho ainda graves preocupações, entre as quais avulta aquela da qual depende o futuro dos meus filhos.”

— P. Podeis ministrar-nos quaisquer informações sobre o passado que deploraís?

— R. Ah! meus bons amigos, estou pronta a confessar-me. Eu tinha desprezado o sofrimento alheio, vendo indiferente os sofrimentos da minha mãe, a quem chamava doente imaginária. Por não vê-la de cama, supunha que não sofresse e zombava dos seus queixumes. Eis como Deus castiga. Seis meses depois da morte:

— P. Agora que um tempo assaz longo se passou desde que deixastes o invólucro material, tende a bondade de descrever-nos a vossa posição e ocupações no mundo espiritual.

— R. Na vida terrestre, eu era o que vulgarmente se chama uma boa pessoa; antes de tudo, porém, prezava o meu bem-estar; compassiva por índole, talvez não fosse capaz de penoso sacrifício para minorar um infortúnio.

Hoje, tudo mudou, e posto seja sempre a mesma, o eu de outrora modificou-se.

Ganhei com a modificação e vejo que não há nem categorias nem condições além do mérito pessoal, no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom se sobreleva ao rico que humilhava com a sua esmola.

Velo especialmente pelos que se afligem com tormentos familiares, com a perda de parentes ou de fortuna. A minha missão é reanimá-los e consolá-los, e com isso me sinto feliz.

Anna.”

Importante questão decorre dos fatos supramencionados. Ei-la: Poderá uma pessoa, por esforço da própria vontade, retardar o momento de separação da alma do corpo?

Resposta do Espírito S. Luís:

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

— Resolvida afirmativamente, sem restrições, esta questão poderia dar lugar a consequências falsas. Certamente, em dadas condições, pode um Espírito encarnado prolongar a existência corporal a fim de terminar instruções indispensáveis, ou, ao menos, por ele como tais julgadas

— é uma concessão que se lhe pode fazer, como no caso vertente, além de muitos outros exemplos. Esta dilação de vida não pode, porém, deixar de ser breve, visto como é defeso ao homem inverter a ordem das leis naturais, bem como retornar de moto-próprio à vida, desde que ela tenha atingido o seu termo. É uma sustação momentânea apenas.

Preciso é, no entanto que da possibilidade do fato não se conclua a sua generalidade, tampouco que dependa de cada qual prolongar por este modo a sua existência. Como provação para o Espírito ou no interesse de missão a concluir, os órgãos depauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar de alguns instantes a manifestação material do pensamento. Estes casos são excepcionais e não fazem regra.

Tampouco se deve ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade das suas leis, mas apenas uma consequência do livre arbítrio da alma que, no momento extremo, tem consciência de sua missão e quer, a despeito da morte, concluir o que não pôde até então. Às vezes pode ser também uma espécie de castigo infligido ao Espírito duvidoso do futuro, esse prolongamento de vitalidade com o qual tem necessariamente de sofrer.

S. Luís.

Poder-se-ia ainda admirar a rapidez relativa com que se desprende este Espírito, dado o seu apego à vida corporal; cumpre, porém, considerar que tal apego nada tinha de material nem sensual, antes possuindo mesmo a sua face moral, motivada como era pelas necessidades dos filhos ainda tenros.

Enfim, era um Espírito adiantado em inteligência e moralidade.

Por mais um grau, e poder-se-ia considerá-lo um dos Espíritos dos mais felizes.

Não havia, portanto, nos laços perispiríticos a tenacidade resultante da identificação material; pode dizer-se que a vida, debilitada por longa enfermidade, apenas se prendia por tênues fios, que ele desejava impedir se rompessem.

Contudo, a sua resistência foi punida com a dilação dos sofrimentos concernentes à própria moléstia e não com a dificuldade do desprendimento.

Assim, realizado este, eis por que a perturbação foi breve.

Um outro fato igualmente importante decorre desta, como da maior parte das evocações feitas em épocas diversas, mais ou menos distantes da morte: é a transformação gradual das idéias do Espírito, cujo progresso se traduz, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais justa das coisas.

O progresso da alma na vida espiritual é, portanto, um fato demonstrado pela experiência.

A vida corporal é a praticagem desse progresso, a demonstração das suas resoluções, o cadinho em que ele se depura.

Desde que a alma progride depois da morte, a sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, porquanto a fixação definitiva da sorte é, como já o dissemos, a negação do progresso.

E não podendo coexistir simultaneamente as duas coisas, resta a que tem por si a sanção dos fatos e da razão.

DM Estudos Espíritas

VI. Sra. Anna Belleville

Sra. Anna Belleville

Falecida aos 35 anos, após uma terrível enfermidade.

Muito inteligente, espiritual, cheia de vida, possuidora de qualidades morais e muito criteriosa.

Esposa e mãe de família, muito devotada.

Não era do tipo a guardar ressentimentos de pessoas de quem poderia queixar-se – sempre de prontidão para ajudar.

A moléstia que a levou era proveniente de um acidente que a seguiu por longos e sofridos três anos de cama.

Mencionamos que a graça natural de seu Espírito nunca a abandonou.

Ela acreditava na alma e em vidas futuras.

A ideia da falta que poderia produzir para seus filhos, a prendia a vida.

Conhecia o Espiritismo, sem nunca o ter estudado a fundo – era muito interessada por ele, mas nunca conseguiu fixar ideias sobre o futuro.

Praticava o bem sem nenhuma ideia de recompensa.

Um dia, quando seu marido estava ausente, compreendeu que a hora estava chegando – ao sentir-se desfalecer e uma perturbação a invadia – provocando as angústias da separação.

Entretanto, lhe custava a ideia de partir antes da volta do esposo – pediu murmurando: Não, não quero morrer!

Sentiu após, o renascimento da vida e uso pleno das suas faculdades.

A sua luta prolongou-se por três meses.

Evocação no dia seguinte ao da morte:

Meus bons amigos, obrigada pelo interesse que vos mereço; demais, fostes para mim como bons parentes.

Regozijai-vos, por que sou feliz.

Confortai e velai por meus filhos.

Depois que desencarnei, segui para junto deles.

P.

Podemos supor que a vossa perturbação não foi longa, uma vez que nos respondes com lucidez.

R.

Ah! Meus amigos, eu sofri tanto – e vocês sabem que sofri com resignação.

A minha provação está concluída.

Não sofro mais, sendo pra mim um grande alívio.

Ainda preciso do auxílio das vossas preces para mais tarde colaborar convosco.

P.

Qual poderia ser a causa dos vossos longos sofrimentos?

R.

Um passado horrível, meu amigo.

P.

Podeis revelar-nos esse passado?

R.

Oh! Deixai que o esqueça um pouco – paguei-o tão caro.

Um mês depois da morte:

P.

Agora que deveis estar completamente, desprendida e que melhor nos reconheceis, muito estimaríamos ter convosco uma palestra mais contundente.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Poderia, por exemplo, dizer-nos qual a causa da vossa prolongada agonia? Estivestes durante três meses entre a vida e a morte.

R.

Obrigada, meus amigos, pela vossa lembrança como pelas vossas preces! Quão salutareis me foram estas e como concorreram para a minha libertação! Tenho ainda necessidade de ser confortada; continuei a orar por mim.

Vós compreendeis o valor da prece.

Aquelas que dizeis não são de modo algum, fórmulas triviais, como as murmuradas por tantos outros que lhes não medem o alcance, o fruto de uma boa prece.

Sofri muito, porém os meus sofrimentos foram largamente compensados, sendo-me permitido estar muitas vezes perto dos queridos filhos, que deixei com tanto pesar!

Prolonguei por mim mesma esses sofrimentos; o desejo ardente de viver, por amor dos filhos, fazia com que me agarrasse de alguma sorte à matéria, e, ao contrário dos outros, eu não queria abandonar o desgraçado corpo com o qual era forçoso romper, se bem que ele fosse para mim o instrumento de tantas torturas.

Eis aí a razão da minha longa agonia.

Quanto à moléstia e aos padecimentos decorrentes, eram expiação do passado — uma dívida a mais que paguei.

Ah! Meus bons amigos, se vos tivesse ouvido, quanta mudança na minha vida atual!

Que alívio experimentaria nos últimos momentos e como teria sido fácil a separação, se em vez de a contrariar eu me tivesse abandonado confiadamente à vontade de Deus, à corrente que me arrastava! Mas em lugar de volver os olhos ao futuro que me aguardava, eu apenas via o presente que ia deixar!

Voltando à Terra, vos afirmo serei Espírita.

Que ciência sublime! Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos.

Se eu, quando na Terra, pudesse compreendê-los, os meus sofrimentos teriam sido atenuados. A ocasião não tinha chegado.

Hoje compreendo a bondade e a justiça de Deus, conquanto me não encontre suficientemente adiantada para despreocupar-me das coisas da vida; meus filhos principalmente me atraem, não mais para mimá-los, porém para velar por eles e inculcar neles o caminho que o Espírito traça ao presente na Terra.

Sim meus bons amigos, eu tenho ainda graves preocupações, entre as quais avulta aquela da qual depende o futuro dos meus filhos.

P.

Podeis ministrar-nos quaisquer informações sobre o passado que deploraís?

R.

Meus bons amigos, estou pronta para confessar-me.

Eu tinha desprezado o sofrimento alheio – vendo com indiferença o sofrimento da minha mãe, a quem chamava doente imaginária.

Não a vendo na cama, supunha que não sofresse e zombava das suas queixas.

Eis como Deus castiga.

Seis meses depois da morte:

P.

Agora que um tempo mais longo se passou desde que deixaste o invólucro material, tende a bondade de descrever-nos a vossa posição no mundo espiritual.

R.

Na vida terrestre, eu era o que vulgarmente se chama uma boa pessoa; antes de tudo, porém, prezava o meu bem-estar; compassiva por índole, talvez não fosse capaz de penoso sacrifício para minorar um infortúnio.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Hoje tudo mudou, e posto seja sempre a mesma, o eu de outrora modificou-se.

Ganhei com a modificação e vejo que não há nem categorias nem condições além do mérito pessoal, no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom se sobreleva ao rico que o humilhava com sua esmola.

Velo especialmente pelos que se afligem com tormentos familiares, com a perda de parentes ou de fortuna.

A minha missão é reanimá-los e consolá-los e com isso me sinto feliz.

Anna.

Uma importante questão decorre dos fatos mencionados

Ei-la:

Poderá uma pessoa, por esforço da própria vontade, retardar o momento de separação da alma do corpo?

Resposta do Espírito de S. Luís:

Resolvida afirmativamente, sem restrições, esta questão poderia dar lugar a consequências falsas.

Certamente, em dadas condições, pode um Espírito encarnado prolongar a existência corporal a fim de terminar instruções indispensáveis, ou, ao menos, por ele assim julgadas — é uma concessão que se lhe pode fazer, como no caso vertente, além de muitos outros exemplos. Esta dilação de vida não pode, porém, deixar de ser breve, visto como é defeso ao homem inverter a ordem das leis naturais, bem como retornar por vontade própria à vida, desde que ela tenha atingido o seu fim.

É uma situação apenas momentânea.

É preciso, no entanto que da possibilidade do fato não se conclua a sua generalidade, nem tampouco que dependa de cada qual prolongar por este modo a existência.

Como provação para o Espírito ou no interesse de missão a concluir, os órgãos depauperados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita prolongar por instantes a manifestação material do pensamento.

Estes casos são excepcionais, não sendo uma regra.

Tampouco se deve ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade das suas leis, mas apenas uma consequência do livre-arbítrio da alma que, no momento extremo, tem consciência de sua missão e quer, a despeito da morte, concluir o que não pode até então.

Às vezes pode ser também uma espécie de castigo infligido ao Espírito duvidoso do futuro, esse prolongamento de vitalidade com o qual tem necessariamente de sofrer.

S.

Luís.

Podemos ainda, admirar a rapidez relativa com que se desprende este Espírito – dado seu apego a vida corporal – cumpre considerar que nada tinha de material nem sensual – motivada pelas necessidades dos filhos ainda tenros.

Enfim, era um Espírito adiantado em inteligência, um dos Espíritos dos mais felizes.

Não havia, portanto, nos laços perispiríticos a tenacidade resultante da identificação material; pode dizer-se que a vida, debilitada por longa enfermidade, apenas se prendia por tênues fios, que ele desejava impedir que se rompessem.

Contudo, a sua resistência foi punida com a dilação dos sofrimentos concernentes à própria moléstia e não com a dificuldade do desprendimento.

Eis porque a perturbação foi breve.

O Céu e o inferno – (Parte II – Capítulo III)

Um outro fato igualmente importante decorre desta como da maior parte das evocações feitas em épocas gradativas ao tempo cujo progresso se traduz, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais justa, das coisas

O progresso da alma na vida espiritual é, portanto, um fato demonstrado pela experiência. A vida corporal é a prática desse progresso, a demonstração das suas resoluções, o cadinho em que ele se depura.

Desde que a alma progride depois da morte, a sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, porquanto a fixação definitiva da sorte é, como já o dissemos, a negação do progresso. Não podendo coexistir simultaneamente as duas coisas, resta aquela que tem por si a sanção dos fatos e da razão.